

## Nas vésperas do I Congresso Confederal (IV Congresso Nacional Operário)

Constitui uma verdade histórica o valor das assembleias operárias. A pouca liberdade que os povos hoje usufruem, pode afirmar-se sem receio de desmentido, deve-se às pressões exercidas pelas assembleias populares, quer sobre os estados, quer sobre os vários sistemas de exploração que a história enuncia. As regalias populares codificadas, nada mais representam do que a sanção legal de conquistas conseguidas pelas minorias conscientes e perseverantes que, na esteira luminosa do progresso, têm deixado os corpos xangues dos seus mártires, como postes marcantes de gloriosas etapas. A comprovar a involuntariedade que os estados põem na consignação legal dos direitos populares, temos contemporaneamente a luta constante em que o operariado se agita para conseguir que o capitalismo e o próprio Estado respeitem as leis benéficas que promulgam. E o respeito por essas disposições legais varia segundo o grau de resistência e a capacidade revolucionária dos interessados.

Todas as grandes regalias conquistadas e codificadas nos períodos áureos do operariado, quando ele se afirma unificado e activo, vacilam quando a desagregação e a inactividade se manifestam.

Têm, pois, uma influência indiscutível na situação melhor ou pior do operariado; os fluxos e refluxos da massa nas suas reuniões, quer estas sejam simples assembleias de classe quer se produzam como complexos congressos corporativos ou tenham a suprema importância dum congresso nacional. Na vida social, assim como o indivíduo isolado é um valor nulo, um zero, podendo também ser um valor negativo e pernicioso, um agrupado de indivíduos — um sindicato — isolado, não corresponde ao seu papel. E se um sindicato operário se afirma vitalmente quando as suas assembleias comportam um número grande de elementos duma classe, possuídos duma mentalidade mediana, essa vitalidade e esse valor multiplicam-se

quando se trata duma reunião de sindicatos em congresso.

Agora que estamos a poucos dias da realização de alguns congressos na cidade de Santarém, alguns corporativos sucedidos pelo Confederal, é mister que todas as atenções do proletariado converjam no sentido de dar a essas magnas assembleias o máximo brilhantismo, de modo a que delas resulte a maior soma de benefícios, não só para as classes que ali se façam representar como para todos os que mourem e que têm direitos incontestáveis postergados pela sociedade vigente.

Sabemos que, mercê de factores resultantes da crise grave que nos assoberba, a concentração de representantes de classes num ponto, em Congresso, só é factível por uma soma grande de esforços e, quiçá, de sacrifícios. Esses sacrifícios, porém, são indispensáveis; e se se atender aos benefícios que daí resultam, ninguém, nenhuma classe deve deixar de sacrificar-se para de viva voz afirmar seus anseios de libertação, dando a sua cota parte, para um trabalho a todos proveitoso.

Repetimos: as assembleias populares, os congressos operários, são dum valor incontestável. Neles o operariado forja as línguas que não de quebrar-lhe as algemas, e constrói pouco a pouco o edifício ideal que há-de erguer-se sobre os escombros da carcaça, corroída já, do velho mundo do despotismo.

Vamos. E' conjugar esforços! Que de todos os centros do país o operariado se apreste a reunir em assembleias, nomeando de entre si os elementos mais capazes de, quer nos congressos corporativos, quer no Congresso Confederal, em representarem o sentir das suas classes.

Os congressos terão mais ou menos brilhantismo e os seus resultados serão de tanta ou tão pouca praticabilidade, quanto for o grau de conhecimentos e de boa vontade dos congressistas, cuja única preocupação deverá ser a de bem servirem a causa da Emancipação Humana.

## Notas & Comentários

### A falta de água

Com o calor acentuou-se a falta de água em Lisboa. Principalmente nos pontos altos da cidade essa falta assume proporções assustadoras. E' a mesma massada todos os anos, cada vez pior a medida que o tempo vai passando. O público está farto desta dansa. Os protestos acumulam-se, as iras crescem — e os governantes dormem. Oxalá a companhia, com toda esta falta de água, não apanhe um dia algum calor...

### Inferioridade mental

O sr. Marques Guedes que escreve no Primeiro de Janeiro rabiscau há dias um artigo notável, que nos ia esquecendo de anotar. Mas ainda estamos a tempo. O sr. Marques Guedes escreveu um artigo não com ideias suas, mas com as ideias do falecido psiquiatra dr. Júlio de Matos, o homem que inventou para uso e suas conveniências a «loucura lucida» de que hoje se abusa freqüentemente... O dr. Júlio de Matos era, em matéria social, um psiquiatra — e não sabemos se em psiquiatria um sociólogo. Por isso o sr. Guedes proclamou, fazendo suas as ideias alheias, que se pessoas rudes, de palavras ordinárias, conceitos rasteiros e mentalmente inferiores, conseguem captar as multitudes e propagar ideias libertárias. Ora, se o sr. Guedes tem razão, com certeza que Kropotkin, sabido e príncipe, Reclus, o maior geógrafo da França, Mirbeau, um dos mais originais literatos contemporâneos, Antero de Quental, o maior sonetista português, e tantos outros homens que marcaram o seu lugar na vida mental, devem ser uns ordinários, sem elevação espiritual — porque pregaram as ideias que nós, a quem o sr. Guedes quer atingir, pregamos também.

### E continua...

Ainda a propósito da falta de água queremos contar aos nossos leitores um episódio edificante: ontem no hospital de São José os médicos operadores pretendiam fazer uma operação e não puderam. Falta-lhes a água que, em tais emergências, é necessária e em abundância. Só ao cabo de longas horas de espera, puderam, enfim, executar o seu melindroso trabalho.

## O conflito germano-polaco

### A fronteira alemã tem sido violada

BERLIM, 5.—Segundo telegramas inseridos nos jornais, destacamentos militares polacos violaram a fronteira alemã em vários pontos, por três vezes, nos últimos dois dias.

### Os alemães vão expulsar mais polacos

BERLIM, 5.—Tendo o ministro dos negócios estrangeiros da Polónia regeitado a proposta conciliatória alemã para cessar a expulsão de subditos alemães da Polónia e de polacos da Alemanha, as expulsões foram a começar brevemente nos dois países.

## Transcrição oportuna...



Transcrevamos de um dos últimos números de "O Século": — «A polícia está brutalizando os presos sociais que se encontram encerrados, há meses, em imundas enxovias. As torturas de que têm sido vítimas igualam-se às que se exerciam na Rússia, no tempo do czarismo.»

## A Cooperativa dos "Chauffeurs", que brevemente inaugura o serviço de "taxis", dotará Lisboa dum grande melhoramento

Lisboa vai possuir um serviço de "taxis" que trará à viação urbana um importante melhoramento. A iniciativa deve-se a um grupo de "chauffeurs", que constituíam uma sociedade cooperativa, à qual deu a designação de Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs. Foi na respectiva garagem, rua Almirante Barroso, 21, que um nosso "reporter" ontem colheu algumas impressões que o habilitam a vir dizer ao público as vantagens de tão valioso empreendimento. Antes da entrevista foi-lhe permitido ver os 11 carros, marca Citroën, 10 H. P. com que aquela cooperativa iniciará a sua arrojada empresa. São uns carros leves, bem apresentados, com um emblema que tem as iniciais C. L. C. Estão registados, a fim de evitar que alguém faça igual aquisição. Depois da visita, no agradável gabinete da direcção daquela colectividade, o gerente técnico, camarada Manuel Faustino de Oliveira, obsequiosamente presta-se a dizer à Batalha o que o leitor vai ler.

Dois motivos, diz-nos, foram causa da constituição da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs: 1.º a propriedade daqueles 11 carros que viu e de mais 39 que contamos adquirir até ao fim do ano. O primeiro, é a carestia desastrosa dos preços de corrida, que só permite aos endinheirados utilizarem-se de tão importante meio de transporte. O segundo, é a crise de trabalho que a classe atravessa, crise que será debelada quando os nossos carros principiarem a fazer serviço.

—Pode explicar-nos as causas da carestia dos preços de corrida e da crise de trabalho?

—A carestia dos preços só se pode explicar no facto de Lisboa, só possuir 200 carros para uma população de 600.000 habitantes. Madrid tem 4.000 carros e Paris 13.000, todos "taxis", bem entendido. Se fizermos uma média por cada habitante, Lisboa fica a perder de vista. De forma que quanto menor for o número de carros ao serviço, maior dificuldade há de fazer diminuir os preços. Com os nossos carros a concorrer o público verá em quanto tem sido lesado.

—A crise de trabalho, prossegue o nosso entrevistado, será debelada quando houver um número grande de carros onde os "chauffeurs" possam empregar os seus braços.

—E o público corresponderá ao vosso esforço?

—Assim o confiamos. Quando ele nos reatar a sua confiança, que algumas irregularidades fizeram afastar, e que as vantagens sobre outros meios de transporte sejam manifestas, ele acorrerá porque a par dum serviço regular e honesto encontrará superiores conveniências.

—Qual a tabela de preços?

—A tarifa n.º 1 dos serviços de ida e volta ou continuos (1 a 4 pessoas) é a seguinte:

a) pelos primeiros 800 metros ou fracção, 3\$00; b) por cada 300 metros a mais ou fracção, 50¢; por cada cinco minutos de espera ou fracção 50¢.

—A tarifa n.º 2, dos serviços por corrida (1 ou 4 pessoas) é: pelos primeiros 550 metros ou fracção, 3\$50; por cada 200 metros a mais ou fracção, 50¢; por cada 5 minutos de espera ou fracção, 50¢.

—Os serviços para fora de Lisboa far-se-ão pela tarifa n.º 1 e quando seja só de ida o cliente pagará o regresso. A bagagem com peso superior a 30 quilos, por cada 4\$00 de tarifa ou fracção, um suplemento de 1\$00.

Manuel Faustino de Oliveira tem uma breve pausa, e depois dum leve aceno acrescenta:

—Para que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tomando como ponto de partida o Rossio: Para a Graça, 1\$50; ida e volta, 2\$00; Ao C. Grande, 1\$80; ida e volta, 2\$30; Ao C. Pequeno, 1\$60; ida e volta, 1\$50; A Estrela, 1\$20; ida e volta, 1\$30. A Alges, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

—Como foi encarada a vossa iniciativa nos meios automobilistas?

—Os patrões dos carros de praça não a podem tragar, como é natural. Alguns "chauffeurs", por não compreenderem o grande alcance da Cooperativa, também receberam com indiferença a ideia.

—Todavia ela é vantajosa...

—Como acabou de ver. E note que, ao contrário do que se insinuou, dentro da cooperativa só trabalharão profissionais assalariados, sendo limitado a 5, o número de acções de 100\$00, podendo cada cooperativista, ao abrigo do código comercial fazer os suprimentos que a Cooperativa carecer para o seu regular funcionamento. Convm igualmente frizar que o número de sócios da cooperativa é ilimitado. Quer dizer, quanto maiores forem as suas prosperidades, maiores também maiores serão as probabilidades de admissão ao seu serviço de mais "chauffeurs".

—E quando se inicia a circulação dos "taxis"?

—Ainda não podemos fixar o dia. Depende de dificuldades a vencer, como é próprio duma empresa desta responsabilidade. No entanto contamos que até ao fim da semana que vem Lisboa possa realizar com as principais cidades do mundo, no respeitante ao serviço de "taxis".

Um apêto de mão punha fim à entrevista. Faltava, porém, uma experiência para o "reporter" avaliar a comodidade de um dos carros. E um dos "taxis", guiado por um dos cooperativistas saía a fampá "garagem" conduzindo o "reporter" até ao Rossio, onde se apeou para vir à redacção oferecer ao leitor o que acabou de ler...

## A guerra de Marrocos

### Prossegue o bombardeamento das costas rifenhas, não conseguindo os europeus desembarcar

TANGER, 5.—O bombardeamento da costa rifenha de Alhucemas tem prosseguido em acção combinada das esquadras francesa e espanhola.

Todas as tentativas de desembarque têm, porém, sido infrutíferas.

Os rifenhos estão exercendo grande pressão sobre a linha ocidental espanhola, atacando numerosas posições estratégicas, e sendo consideráveis as perdas espanholas.

### Os rifenhos continuam a defender-se enérgicamente

PARIS, 5.—Segundo as notícias—recebidas de Marrocos, as tropas espanholas repeliram importantes ataques dos rifenhos na região de Ouazzan.

Na linha de batalha francesa ainda não foi iniciada qualquer operação ofensiva.

Pelo lado do mar tem prosseguido o bombardeamento pelas esquadras francesa e espanhola e aviões.

### As tropas espanholas sofreram importantes perdas

TANGER, 5.—O general Primo de Rivera, que antontem partira de Tetuão para Melilla, regressou apressadamente àquela cidade, a fim de tomar o comando directo das operações contra os rifenhos, que nas últimas 48 horas têm infligido importantes perdas às tropas espanholas.

## O Estado israelita

JERUSALEM, 5.—O banqueiro americano Rotschild concedeu 500.000 libras esterlinas para a constituição do Estado israelita na Palestina.

## ABALROAMENTO

LONDRES, 5.—No Tamisa abalroaram dois vapores, resultando duas mortes.

## As deportações são uma iniquidade mantida por Domingos Pereira, Barbosa & C.ª

Dirão: E' malhar em ferro frio. Opinário outros: Perdeis o tempo e o feitiço...

E outros — numa variação sobre o mesmo tema — comentarão: Isso é bradar no deserto!

Pois seja! Seja malhar em ferro frio, perder o tempo e o feitiço e bradar no deserto. Seja. Nós, porém, como temos também a servir-nos anexins, máximas e ditados que nos dizem que água mole em pedra dura tanto bate até que fura... e que nos aconselham a heroica persistência que é necessário ter quando os brutos a nada se movem (e com coisa alguma se movem) continuaremos teimosamente a seguir o bom caminho traçado, certos de que o ferro frio há-de aquecer, o tempo perdido há-de ser ganho e o próprio desperdício se hade animar e nos ha-de ouvir repercutindo, como o eco, os nossos brados de justiça até que sejam um brado unânime de todas as almas bem formadas e de todas as consciências rectas e respeitadoras dos bons e sagrados princípios.

E cá estamos malhando...

Tem o Secretariado de Assistência Jurídica da C. G. T., nestes últimos dias, procurado o presidente do ministério sem conseguir ser recebido.

S. ex.ª — num flagrante e permanente desmentido do seu passado, das suas afirmações, das suas atitudes e daquelas raras qualidades que toda a gente supunha continuarem a ornar a inteligência e os sentimentos que o tornavam respeitado — mostra-se enervado, mal disposto, menos correcto de maneiras e não liga nenhuma a assuntos que devam preocupá-lo e com cuja honesta e elevada solução muito dignificaria o seu nome mantendo o seu prestígio. S. ex.ª continua a não reparar a infâmia — cada vez mais agravada e mais trágica — do governo dos vitorinos e mantida pelo governo do António Maria. S. ex.ª vai deixando no nosso espírito, por cada dia que passa, um sentimento amargo de tristeza e um fermento natural de revolta. O presidente do ministério perdeu-se desde o dia em que hesitou, desde o dia em que não poz um termo imediato à situação dos deportados sem julgamento anulando uma ordem ilegal e contrária à Constituição. Continuou a perder-se quando transigiu com a polícia que o ameaçou. Continuou a descer quando mandou — para ter uma base para a atitude ou atitudes a assumir — proceder a revisões de processos. Mais desceu e se enterrou ainda quanto, ao resolver seguir esse perigoso caminho de hesitações e fraquezas, teve a peregrina ideia de encarregar de semelhante tarefa — o Barbosa Viana da polícia!

Sim, porque o Barbosa Viana da polícia era, seguramente, a criatura mais contraditória para uma empresa em que seria indispensável reunir, pelo menos, estas três qualidades: 1.ª: ausência de paixão; 2.ª: inteligência cultivada; 3.ª: equilíbrio mental.

## As declarações dos réus do 18 de abril continuam a desprestigiar o exército que pretendia, segundo eles afirmaram, salvar a nação

A audiência de ontem do julgamento dos implicados no 18 de Abril continuou a ser a vergonha dos dias anteriores. Os seus contínuos desmentidos e delatamentos. Se bem que isso nos aproveite, pois ficamos sabendo que o exército que se vangloriava de ser a única força pura da nação é constituído por pessoas incapazes de dar cumprimento às suas solenes promessas, não deixa de nos repugnar assistir à cena degradante de homens do mesmo "metier" se denunciarem rancorosamente, sem generosidade, sem grandeza, sem apuro, sem elegância mental.

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Enfim, eles conhecem-se uns aos outros e encarracam-se de, perante o país, mostrarem de que misérias humanas são feitos. Pobre exército que nos querias salvar — quem te salvará?!

Ausência de paixão para ser imparcial. Inteligência cultivada, quer sob o ponto de vista jurídico, quer sob o ponto de vista social, para poder abranger largos horizontes e olhar os factos de alto. Equilíbrio mental para não se deixar dominar pelos nervos, para não ter destrambelhamentos que conduzam a enormidades e, para poder, assim, olhar a frio, serenamente, os vários casos.

Ora, o Barbosa Viana da polícia — que em verdade não podemos considerar odiado porque é um desgraçado — não tem nenhuma dessas essenciais qualidades.

E' um apaixonado porque foi, como juiz... do negregado tribunal de defesa social, um dia vítima dum atentado à saída da Boa-Hora. E o Barbosa não esquece nem pode esquecer esse facto que o torna irritado e rancoroso, levando esse rancor até aos que nesse ataque não tiveram, directa ou indirectamente, qualquer interferência. Não tem, pois, imparcialidade.

Não tem o Barbosa Viana da polícia — que é um rapazote — o mais elementar conhecimento de factos e fenómenos sociais, pois a cada passo revela a sua consagrada ignorância — ignorância compacta e armazenada — como não tem, também (porque a não pode ter) aquela cultura jurídica que só dão os muitos anos de aturado estudo e de exercício profissional. E o Barbosa Viana da polícia (coisas que só neste país se vêem!) foi quasi arrancado dos bancos da escola, imberbe, papo-seco, cheirando ainda a cueiros... para a suprema função de julgador e de julgador de um tribunal de excepção!

Finalmente, o Barbosa Viana da polícia é, manifestamente, um tarado, um caso digno de estudo de psiquiatria de verdade, a quem falta, consequentemente, aquele equilíbrio mental de que falamos. O Barbosa Viana da polícia é, por certo, um paranoico com o delírio da notoriedade, com o delírio das grandezas e da perseguição — delírios que, por vezes, se encontram no mesmo tipo. Das grandezas, porque aspira a ser um grande homem da polícia e julga mesmo se-lo. Da perseguição, porque se julga alvo permanente de atentados. E, como é sabido, os perseguidos, por isso mesmo que julgam se-lo, transformam-se em perseguidores. E' o que sucede com o Barbosa Viana da polícia, à mercê da sua paranóia — psicose constitucional incurável e perigosa.

E, não havendo lugar a revisão de processos, é a um Barbosa Viana assim, que o presidente do ministério, que o dr. Domingos Pereira encarga dessa melindrosíssima e elevada missão!

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.

Ora, vamos, sr. presidente do ministério: Haja um pouco mais de decência! E vamos a solucionar este caso dos deportados sem julgamento, das prisões sem culpa formada e dos espancamentos a presos duma forma que não desande em chuchadeira nem em tragédia.



# “RENOVAÇÃO”

Como foi recebida a nossa revista pela imprensa portuguesa da América do Norte

Do antigo jornal da colónia portuguesa de New Bedford O Independente:

“Renovação” — Sob a alta competência dos srs. Gonçalves Vidal e Alexandre de Assis, apareceu em Lisboa esta importante revista quinzenal de arte, literatura e actualidades, propriedade da empresa editorial A Batalha.

De esplêndido aspecto gráfico e de bem dada colaboração artística a Renovação é, a melhor revista que no seu género circula na capital portuguesa.

As suas diversas secções são bem o cunho do gosto artístico que revelam os seus ilustres directores, e fazem adivinhar que, a Renovação, está marcada um futuro digno de todos os nossos encontros.

O presente número da Renovação é colaborado por distintos jornalistas e escritores, como sejam Bento Faria, Mario Domingues, Augusto Pinto, Ferreira de Castro, Eduardo Friaes, etc., etc.

1.º representante na cidade da Renovação, o sr. José Martins Maia a quem endereçamos os nossos agradecimentos pela gentileza da oferta feita à nossa redacção.

De A Imprensa, jornal republicano português de New Bedford:

Recebemos o primeiro número da Renovação, revista de formato octavo, ilustrada a cores e dedicada à Arte e que se publica em Lisboa.

Tem esplêndido aspecto gráfico, e com especialidade, ao qual mais tarde nos referiremos e talvez transcreveremos artigos.

Acetamos a permissão e ficamos às ordens do colega em tudo que seja para desenvolvimento literário e artístico do nosso povo.

Da A Alvorada, importante diário também de New Bedford:

“Renovação” é o título duma excelente revista quinzenal de Arte, Literatura e Actualidades, que acaba de sair a lume em Lisboa, editada pelo quadro redactorial de A Batalha.

O seu artigo de apresentação, de que transcrevemos o princípio, diz tudo:

Mais não se torna necessário para apresentação duma revista que tão brilhantemente aparece ao mundo que lê e necessita de novo — mais puro de beleza, de sentimento e de amor.

Renovação, que tem os seus escritórios redactoriais e administrativos na Calçada do Combro, n.º 35-A, 2.º, Lisboa, e é dirigida pelo sr. Gonçalves Vidal, tem como seu representante neste país o sr. José Martins Maia — 57 Nelson St., New Bedford — a quem agradecemos o exemplar com dedicatória que se dignou enviar-nos.

Também o jornal monarquista A Tradição, de New Bedford, se refere amavelmente à nossa revista que classificou de interessante.

# AS GREVES

Parceria dos Vapores Lishonenses

Carpinteiros navais

Recebemos esta madrugada comunicação de que fôra resolvido, em assembleia geral deste organismo, retomar o trabalho em todas as oficinas com excepção da da Parceria dos Vapores Lishonenses.

A direcção do sindicato recomenda a todos os componentes da classe que não devem voltar a trabalhar na citada Parceria sem que anteriores resoluções, tomadas em assembleia geral, o determinem.

# Colónia da Guarda

A comissão eleita no dia 29 p.p. para elaborar as bases do Grupo Excursionista de Propaganda da Guarda, convida as pessoas interessadas a comparecerem hoje pelas 16,30 horas, na Calçada de Santo André, 1-A, 1.º, a fim de se discutir o projecto do regulamento.

# REPAROS DESCABIDOS

Da C. G. T. enviam-nos a seguinte nota: “Tendo chegado ao conhecimento do comité confederal da C. G. T., que tem sido notado e comentado o facto de militantes da organização operária viajarem no caminho de ferro em 1.ª classe, vem este comité esclarecer que os militantes, com os quais isso tem acontecido, são os que têm saído em serviço de A Batalha, como seus representantes, tendo direito a viajar nessa classe em virtude de contratos existentes entre este jornal e as companhias de caminhos de ferro. — O comité confederal.”

# LEIAM AMANHÃ

O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

Carta-aberta a um livre-pensador, por Bento Faria.

Dispersão proletária — Intolerância e personalismo, por Nogueira de Brito.

O dia 2 de setembro de 1792.

Carta a um negro sobre a escravidão, pela Voz que clama no deserto.

Os meus hábitos, por D. L.

A epopeia do Trabalho — As costureiras, por Ferreira de Castro, com desenho de Roberto Nobre.

Ecós da Semana, por F. de C.

Crónica internacional.

Os exames nos liceus, pelo professor A. Santos.

Como a Indústria funcionava sob o Império Romano, por Paul Louis.

O que todos devem saber.

Chico, Zecas & C. — com gravuras.

# O serviço dos correios

O comodismo da Administração Geral prejudica os jornais, os seus assinantes e os carreiros

Houve tempo em que os assinantes dos jornais os recebiam por volta das 9 horas, e a correspondência chegava aos jornais pouco depois dessa hora.

Essas distribuições dos correios foram-se lentamente retardando, de modo que, actualmente, tanto a correspondência para os jornais como a destes para os assinantes só é entregue pelas 12 horas, tendo ontem a correspondência para os diários sido distribuída apenas às 13,30 horas.

Acontece isto porque a Administração Geral, por desleixo e por comodismo, vem diminuindo o pessoal de distribuição, não providenciando como devia, de modo que agora um só empregado é sobrecarregado com a acumulação de três serviços.

Esses empregados, por esse exaustivo excesso de trabalho, pois carregam grandes pesos nestes dias de calor, recebem, além do seu salário, 2550, quando um homem, cujo trabalho eles acumulam, perceberia 24500.

Quer dizer: a Administração dos Correios está prejudicando o público com uma má distribuição de correspondência e está realizando economias à custa de grandes sacrifícios do pessoal.

A despeito dessas economias, arrancadas à saúde dos distribuidores, e da deficiente distribuição de correspondência, as taxas postais continuam caríssimas.

O porte para os jornais portugueses destinados ao estrangeiro é de \$32, enquanto que um jornal francês, por exemplo, é portado para aqui em 10 centimos, que, ao câmbio, equivalem a \$09,5.

O que faz, em que pensa a Administração dos Correios, que não atende como é seu dever a estas coisas?

# Teatro Nacional

O Diário de Governo deve publicar amanhã a portaria nomeando para as vagas existentes na Sociedade Artística do Teatro Nacional Almeida Garrett, para centro de comédia, o actor António Pinheiro, com 9 1/2 décimos de parte inteira, e para característico o actor Joaquim de Oliveira, com 7 décimos de parte inteira.

# PERSEGUIÇÕES

Incomunicável há 80 dias

No sombrio calabouço da esquadra dos Terramotos encontra-se preso e incomunicável há 80 dias, Manuel Pereira, que se não sabe de que é acusado, e a quem a saúde vai faltando.

Tal situação é inadmissível por bárbara, por iníqua, por ilegal.

Com que direito as autoridades, que existem para fazer cumprir as leis, as atropelam para manterem um indivíduo quasi três meses numa situação inquisitorial?

As famílias dos deportados

Para tomarem conhecimento dum assunto importante convidam-se as famílias dos deportados a comparecerem amanhã, às 13 horas, na sede da C. G. T.

# A brandura dos costumes policiaes...

Quando ontem, cerca das 12 horas, se encontravam vários cauteleiros, no Rossio, junto à rua do Amparo, como de costume em dias de sorteio, aproximou-se o civico n.º 531, que, sem motivo algum, prendeu um deles.

Como se isto ainda fôsse pouco o referido guarda foi desde a rua do Amparo até ao pósto do Teatro Nacional a bater desalmadamente no preso.

Há cidades onde a determinadas horas os transeuntes têm de se acucilar com os que vivem do roubo. Em Lisboa dá-se o contrário, é preciso andar sempre com cuidado por causa das fúrias de que muitos policiaes costumam ser acometidos.

# Assistência infantil

As 1.700 crianças que constituem o 4.º turno para os banhos na praia da Cruz Verde, começam hoje o primeiro banho, tendo como as anteriores, almoço e jantar naquela praia.

A concorrência deve ser grande, atendendo a que a beleza do local, a amenidade do dia, o chilreio ensurdecedor da petizada, tudo enfim, contribui para gozar umas horas agradáveis de bom recesso.

# O furto das receitas do ramal de Lagos

Do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste recebemos a seguinte nota oficiosa:

“A Comissão Administrativa do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em sua reunião de hoje tomou a resolução de suspender imediatamente os sócios deste Sindicato, guarda-freio Pedro da Cruz Martins e o guarda-freio Domingos Eusebio, por se encontrarem envolvidos no furto das receitas do ramal de Lagos, praticado por meio de arrombamento do cofre que era conduzido no comboio número seis de 28 de Agosto p.p., até que na assembleia geral do dia 11 do corrente seja apresentada as propostas para a sua expulsão. — A Comissão Administrativa.”

# TIVOLI

TEL. N. 5474

“Matinée” às 3 h. — “Noite” às 8 h. e 3/4

Amor de Pai

8 PARTES

Adaptação cinematográfica do romance de J. Claretie “Le Petit Jacques”

Magnífica interpretação

# O crime de Pamplinas

Hilarante ciné-farça com o célebre cómico BUSTER KEATON

# Uma revista de actualidades

Uma ciné-comédia

Amanhã estreia: A RAINHA DO MOTOR

Excelente film, palpitação de vida com cenas emocionantes de sport. Docentes originaes

# A BATALHA

De como dois ‘povos’, com a ajuda dos ‘poivinhos’, sugam as energias duma população, transformando-as no ouro com que enchem seus cofres

A campanha que gostosamente vamos seguindo contra os dois enormes polvos que sugam as energias desta pobre gente, não é, como muitos desejariam, uma campanha ad odium; não é uma campanha personalista, adrede levantada para zurzir este ou aquele, que, diga-se de passagem, bem o mereciam. O nosso fim visa mais alto um pouco.

Se quisermos desancar este ou aquele, ou todos os magnates que tanto contribuem diariamente para a felicidade deste povo, não nos faltavam para isso elementos e de primeira ordem, podem os leitores estar certos disso; mas, repetimos, não é esse o nosso fim.

Deveríamos, é certo, empunhar a pena, como quem empunha um estalido e zurzir de alto a baixo, sem dó, começando nos cabeças e terminando a faina nos mais pequenos que lá dentro têm quaisquer atribuições de mando, porque todos estão lá a pedir chava.

Mas fiquem os tiranetes, os pedantes enfatuados, vaidosos e parvos, sabendo que, se os não chicoteamos, a valer, nas colunas do jornal, não é por medo ou porque me faltem provas de sobejo para o fazer. Não julgemos que, se não apanham de vez em quando uma escovada mestra, o ficam devendo à carência de pódras para por a descoberto. Há chagas, há pústulas, há grena a pedir bísturi e serrote; mas bastam-nos demonstrar, como sobejamente o temos feito, que as duas empresas, donas de Samora Correia, têm sido e são o sorvedouro para onde se escoa todo o suor de toda esta pobre gente, que, durante a vida, se esfalta e cansa trabalhando sem saber para quem, e, após a morte, tem a certeza absoluta de que deixa a família na miséria, sem poder levar para debaixo da terra a suprema consolação de saber que, ao depois, cá ficaram aqueles que o misero trabalhador ajudou a enriquecer, para minar a desventura dos entes queridos que deixou.

A Samorese, que tanto tem enriquecido em 4 ou 5 anos, não obstante ter gasto em instalações e máquinas talvez mais de dois milhares de contos, roubados à pureza da farinha que criminosamente e, com consentimento das autoridades — porque tem sido sempre de seu consentimento e conhecimento a poeira que a Samorese tem feito ingerir nesta terra — é uma das mais criminosas instituições que existem no nosso país.

Ainda há dias, sómente porque dois empregados foram à toudada a Benavente e se demoraram mais do que do voutade do patrão e senhor agrado, despediu-os por 8 dias, findos os quais poderão reentrar no serviço se tanto for do agrado da sumidade que dirige aquela chafarica.

São eles o sinistro João Felix da Costa de que já nos ocupámos e Floriano dos Santos, os condenados de agora.

Quanto ao primeiro — que ganha a grandíssima soma de três mil e quinhentos por dia, o bastante para comprar um quilo de pão e um queijinho de Évora e que ainda hoje está à espera do dinheiro que o pai gastou para o tratar dos ferimentos que recebeu, é interessante saber-se que os corneiros da Samorese têm espalhado que — se a moagem o mantém ao seu serviço é apenas por uma questão de consideração, porque nenhum serviço lhe presta. — Mas, se lhes não presta serviço de espécie alguma, porque é que se castiga assim um pobre mutilado que se esqueceu umas horas num divertimento?

Não vale a pena comentar. Registamos o facto, para que se veja o estófo de que são feitos estes tiranetes.

Quanto ao segundo, sendo natural de Benavente onde tem a sua família e os seus amigos, é naturalíssimo que se esquecesse por lá algum tempo; e, sem querermos penetrar nos domínios dos regulamentos internos do colosso, supomos que o delin-

quente já ficaria bem castigado perdendo a fêria desse dia. Mas os importantes que, da tábuca-assento de uma carroça se viram, de um momento para outro, arvorados em dirigentes de operários, não o entenderam assim na sua impenetrável inteligência e indiscutível autoridade.

“Não sirvas a quem servir.” — Se queres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão. Isto é do grande livro de filosofia chamado a sabedoria das nações.

Mas, que nos importa a nós a sua pose, a sua importância que a si próprios se conferem, se, para nós, vale muito mais um tapadeiro que manja bem a enxada, cavando à costa “da mão, ou um campinho que, firme na sela espera na ponta da vara o touro malito que não acompanha a manada?

Deixemos que eles tomem a presunção que quiserem junto com a água-benta que têm de casa, porque ainda os havemos de ver reconduzidos na humilde situação donde os retirou um mero acaso da guerra europeia e da impressão de notas com que o sr. António Maria da Silva inundou este pobre país.

Deixemo-los encher de vento, como a rã de Esópo, porque eles não têm de estourar também.

Deixem-nos também aproveitar a ocasião de dizer a todos os que, por acaso, tenham seguido de perto a nossa campanha, que não deu o mínimo resultado a campanha que os moageiros fizeram com a carta que um dia escrevemos a Samorese pedindo-lhe um emprego, como eles diziam.

Essa carta teve, pelo menos, o condão de despertar o interesse e a curiosidade de muitos que ainda não tinham lido A Batalha e que no-la têm vindo pedir com empenho (alguns, de noite, cheios de receio) para a lerem em família, perante grupos de amigos.

Essa carta foi para nós e para a nossa campanha um verdadeiro achiado, sobre tudo quando o médico a arrancou das mãos do guarda dos livros da Samorese e a entregou, como um trofeu, na loja do barbeiro Panca, gritando:

— Istol... Istol... Não é preciso mais nada! Está aqui o que é preciso para fazer calar a campanha da Batalha.

E, partindo, triunfante, com o precioso manuscrito, foi mostrá-lo de porta em porta, colhendo apenas significativos encolher de ombros.

E não se lembra este sabujote de quando andava também, de porta em porta, lamentando-se de não ser capaz de escrever de forma que se entendesse para arranjar um emprego na Samorese?

E chegou a manifestar desejos de tomar lições de caligrafia com alguém para conseguir o almejado emprego!

Um médico! Um funcionário municipal, cumulado de favores pelos colossos!

Hão-de ficar certos de que temos sempre uma pedra para arremessar, certa, a quem se lembrar de pôr em dívida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregámos, de esgaravar nas pedras — na frase sempre galante do padre Tobias — é menos compensador do que o que ele esgaravou nos Salgados pertencentes à Junta da Freguesia, que, com a máxima sinceridade e legalidade, fez passar às generosas mãos do rico proprietário Estevam Augusto de Oliveira, de Alcochete.

Mas é que isso era no tempo em que o padre, como presidente da Junta de Freguesia, lavrava actas desde a primeira à última palavra, com se fosse o secretário, tendo até o despalante de as fechar com o sacramental — “E eu Marco António da Costa, secretário que a escrevi e assino.”

Etc. etc.

Fiquemos por aqui, porque já nos desaviámos um pouco do caminho traçado; mas não queremos deixar sem resposta as tôlas insinuações que por aí se espalham.

Serra FRAZÃO

# FESTAS E ROMARIAS

Caminhos de Ferro da C. P.

Serviço especial para Figueira da Foz por motivo das festas da Senhora da Encarnação em Buarcos nos dias 8 e 9 de Setembro de 1925, com bilhetes especiais de ida e volta, em 1.ª, 2.ª e 3.ª classes e válidos para ida nos dias 7 e 9 de Setembro e para a volta nos dias 8 e 10 de Setembro pelos comboios transmais.

Preços dos bilhetes (incluídos os impostos e os multiplicadores em vigor) das estações e apeadeiros abaixo a Figueira da Foz e volta em 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, respectivamente:

Coimbra, 14\$20, 10\$80, 6\$40; Coimbra-B, 13\$80, 9\$80, 6\$10; Bencanta, 13\$30, 9\$30, 5\$90; Casais, 12\$80, 9\$10, 5\$70; Faveiro, 12\$40, 8\$70, 5\$50; Ameal, 11\$40, 8\$00, 5\$10; Pereira, 10\$30, 7\$80, 4\$70; Formosa, 9\$80, 7\$10, 4\$50; Alfaiões, 8\$80, 6\$50, 4\$30; Montemor, 8\$40, 6\$00, 3\$80; Marvão, 7\$40, 5\$30, 3\$40; Verride, 7\$80, 5\$10, 3\$20; Redueles, 5\$60, 4\$00, 2\$60; Bif. de Lares, 4\$70, 3\$40, 2\$20; Lares, 3\$70, 2\$70, 1\$70; Santo Aleixo, 3\$30, 2\$50, 1\$50; Fontela, 2\$80, 2\$00, 1\$30.

CONDIÇÕES

1.ª — Estes bilhetes são válidos exclusivamente para os comboios transmais.

2.ª — Não se concedem meios bilhetes nem o transporte gratuito de bagagem registada.

3.ª — É permitida a mudança de classe mediante o pagamento, por cada viagem de ida ou de volta, de metade da diferença entre os preços correspondentes acima indicados.

4.ª — Será considerado, para todos os efeitos, como passageiro sem bilhete, todo aquele que pretenda utilizar algum bilhete deste serviço especial fora das condições acima indicadas.

5.ª — Ficam em vigor as condições da Tarifa geral em tudo que não seja contrário ao disposto no presente.

Lisboa, 1 de Setembro de 1925.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Serviço especial por motivo das Festas em Abrantes, nos dias 4 a 6 de Setembro de 1925 com bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos e válidos para ida nos dias 3 a 6 e volta em 4 e 7 de Setembro.

Preços com os multiplicadores em vigor e incluídos todos os impostos das estações abaixo a Abrantes e volta em 2.ª e 3.ª classe respectivamente: Entrancamento, 11\$60, 7\$45; Barquinha e Tancos, 9\$75, 6\$40; Praiá, 6\$75, 4\$40; Tramagal, 2\$50, 1\$55; Bemposta, 4\$80, 3\$05; Ponte de Sôr, 11\$60, 7\$45; Alentejo, 2\$50, 1\$55; Mouriscas, 5\$50, 3\$55; Alvega-Ortiga, 7\$45, 4\$90; Belver, 11\$25, 7\$10.

CONDIÇÕES

1.ª — Não se concedem meios bilhetes nem o transporte gratuito de bagagem registada.

2.ª — É permitida a mudança da 3.ª para a 2.ª classe mediante o pagamento, por cada viagem de ida ou de volta, de metade da diferença entre os preços correspondentes acima indicados.

3.ª — Será considerado, para todos os efeitos, como passageiro sem bilhete todo aquele que pretenda utilizar algum bilhete deste serviço especial fora das condições indicadas.

4.ª — Em tudo que não seja contrário ao acima estabelecido ficam em vigor as condições da Tarifa Geral.

Lisboa, 1 de Setembro de 1925.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

# HUMANIDADE!

Eis a maior de todas as mentiras convencionais.

Pensa ou acredita quem quere que seja que é humano, na realidade?

No caso afirmativo que meta a mão na consciência e verá que não tem partícula humana que gosa com o sofrimento do semelhante ou assiste, indiferente e silencioso, às torturas cruéis que lhe despedaça corpo e alma entre as grades duma prisão.

Quando muito, e por via de regra, o espírito da humanidade de que tamanho alarde se faz é uma simples fantasia e o sentimento dominante é o egoísmo de que resulta o individualismo animal e bárbaro e, como tal, grosseiro e duma brutalidade sem limites.

As excepções neste particular — são, infelizmente raríssimas, assim como é certo que todos aqueles que têm por cima da cartilha dissolvente do individualismo a todo o transe, descambam, sem dar por isso, na condição vulgar da besta humana cuja diferença entre si e o homem inteiro é igual à diferença física que se nota entre um macaco e os filhos putativos de Adão e Eva, especialmente aqueles que não quebram as lanças da sua indignação combatendo a peito descoberto pelos fracos e oprimidos como fazem muito poucos que acabam por sucumbir na luta sobre-humana do átomo contra a imensidade.

Como, na sua essência, seria bela a palavra humanidade, se ela não fosse, como é, um sinónimo de vício, uma palavra óca!

Desde que a realidade varreu da minha alma a doce ilusão da sua grandeza afectiva, tornando potente ao meu entendimento a podridão nauseante das suas úlceras incuráveis e verde-negras, uma lava ardentíssima e revoltosa transbordou do meu cérebro transformado num vulcão activo e em vão que a minha voz quasi extinta de tanto bradar no deserto, clama por justiça no inferno em que me lançaram indevidamente e onde me sinto morrer de desespero porque a outra, aquela que os antigos representaram vendada, está inteiramente cega e, com a vista, perdeu de todo a sensibilidade auditiva.

Cadeia Civil do Porto.

António Sebastião de BARROS

# Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos \$800

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

# INSTRUÇÃO

Escola Industrial de Fonseca Benevides

Até 15 de Setembro recebe a secretaria desta escola os requerimentos dos indivíduos que queiram fazer em Outubro exame de admissão a qualquer dos cursos nela professados e que são: Modista de vestidos e roupa branca; modista de chapéus; florista e operária de arte aplicada; bordadeira e rendeira; serralheiro mecânico; serralheiro civil; torneiro; condutor de máquinas. Este último curso é indispensável para a matrícula no curso de Esquadrista da marinha mercante, na Escola Náutica.

Até ao dia 20, das 13 às 16 e das 20 às 22 horas está aberta a matrícula para a frequência de qualquer daqueles cursos.

A propina é de 4\$00 anuais.

# Em Paço de Arsos

Inaugurou-se ontem em Paço de Arsos o “Vitória Casino Restaurant”, cujo edificio, expressamente construído para esse fim, se compõe de Cine-Teatro, salões de festas, restaurant e terrase-esplanada.

# AGREMIações VARIAS

Sociedade Amigos da Infância. — Reúne na próxima segunda-feira a assembleia geral, pelas 21 horas.

# Afogado no rio

Na doca do Bom Sucesso foi antontem encontrado a boiar à tona da água o cadáver de um indivíduo que transportado à noite para a Morgue ali foi reconhecido por José Nunes Códex, marítimo, residente na rua do Parafizo, 10, 3.º, e por Raúl Carlos Nunes, descarragador de terra e mar, morador na travessa de S. Miguel, 8, 3.º, como sendo o marítimo Jacinto Rodrigues Izabelinha, natural de Abrantes, filho de Joaquim Rodrigues Izabelinha e de Joaquim Eugénia e que residia na calçada de S. Cristovam, 29, 1.º

# TEATRO APOLO

Empresa Luis Ruas, Limit.ª

HOJE, 6

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

# EDEN TEATRO

Telef. N. 3803

Terça-feira, 8 — INAUGURAÇÃO

dos espectáculos em sessões

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

da revista de género popular em 2 actos e 12 quadros

Frei Tomás, ou O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho

original de Eduardo Fernandes (Esculápio) e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão

Direcção artística de HENRIQUE SANTANA

A distribuição da peça e acessórios vão indicados nos respectivos programas e cartazes

# TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

Reabre no próximo dia 1 de Outubro o antigo salão da rua António Maria Cardoso



**Chapelaria A SOCIAL**

Cooperativa dos Operários Chapelários  
Grande sortimento em chapéus, lã e me-  
lão em cores lindíssimas, formosos  
dos mais famosos fabricantes estrangeiros  
GRANDE NOVIDADE



Chapéu mole, novo modelo americano muito  
elegante, só na  
Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernan-  
des da Fonseca, 25, 1.º  
— ESTABELECIMENTOS —  
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fon-  
seca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de  
S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo San-  
to, 29  
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Mar-  
quês de Alegrete, 56 52

FABRICA DE BONETS — Chapéu modelo  
Jaures (Exclusivo)

**LIMAS NACIONAIS**

So a grande falta de propaganda tem  
dado lugar a que  
ainda hoje se con-  
sumam em Portu-  
gal limas estran-  
geiras, visto que  
as limas marca  
União, da En-  
terpreta, rivalizam em preço  
e qualidade com as melhores limas do Mundo!  
Experimentem, pois, as nossas limas que se  
encontram a venda em todos os bons estabele-  
cimentos de ferragens do país.

**MADEIRAS**

Nacionais e estrangeiras, de cor,  
para marceneiros,  
serradas em todas as grossuras.  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
Sabino da Silva  
Largo dos Inglesinhos, 50 — LISBOA

**Pedras para isqueiros**

METAL «AUER», as melhores do  
mundo. Um milhão, 3500. Por  
quilo, grandes descontos. Isqueiros  
AUSTRIA E PORTUGAL, tubo lar-  
go, boa niquelagem, doura 2200.  
Tubos fechados e abertos, tampões,  
lucos, moles, rodas ócas e massiças.  
Pedidos ao único representante em  
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO.  
Rua Andrade, 46, 2.º — LISBOA.

**REUMATISMO**

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,  
Articular, Artrítico, Muscular  
"Reumatina"  
24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"  
E' inofensiva porque não exige dieta  
Preço \$800

"Reumatina"  
Vende-se em todas as boas  
— farmácias e drogarias —

**Pó Anti-blenorrágico**

E' o mais poderoso combatente das blen-  
orragias crônicas e recentes. Resultados  
imediatos e comprovados pelo distinto mé-  
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.  
Caixa 10\$00

Depósito Geral:  
A. Costa Coelho  
Bom Jardim, 440 — PORTO

**FABRICA**

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
GOARMON & C.ª  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

**"Educação Social"**

Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
publicação mensal

Redacção e administração: — Empresa Lite-  
raria Fluminense, Limit., — R. dos Re-  
trozeiros, 125 — LISBOA.

6-9-1925

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 523

aproximam adoram-no, estimam-no, abençoam-no! Que  
vos direi dele! Tem a mansidão do cordeiro, a beleza  
do cisne, e a coragem do leão!

— A coragem do leão! repetiu Tiago Darc com  
admiração. O nosso jovem senhor bateu-se então brava-  
mente, amigo mensageiro?

— Se lhe dessem ouvidos, já se teria feito matar  
cem vezes à frente das tropas que lhe são fieis! res-  
pondeu Gillon inchando as faces. Porém a vida do  
nosso augusto senhor é tão preciosa, que os fidalgos  
da sua família e do seu conselho, opuseram-se a que  
ele arriscasse os seus dias de uma maneira que eu me  
atreveria respeitosamente a qualificar... de inutilmente  
heroica! De que serviria esse heroísmo! os soldados  
que ainda seguem a bandeira real estão completamente  
desanimados pelas desastrosas derrotas; o maior nú-  
mero dos bispos e dos senhores, declaram-se vergo-  
nhosamente pelo partido dos burguezes e dos in-  
gêleses. Todos abandonam o nosso jovem príncipe,  
e talvez que bem depressa, forçado a abandonar a Fran-  
ça, não ache no reino de seus pais um abrigo para  
repousar a cabeça! Maldita, três vezes maldita seja  
sua mãe Isabel da Baviera! Essa mulher perdeu o  
nosso desgraçado pai e causou as desgraças do nosso  
delfim!

Chegada a noite, Gillon agradeceu ao lavrador de  
Domrémy a sua hospitalidade, montou a cavalo, e  
partiu; a família Darc, depois de ter lamentado a triste  
sorte do jovem rei, fez a sua reza da noite, e cada  
qual se foi deitar.

Joana, nessa noite não adormeceu tão depressa  
como de costume. Silenciosa e atenta à história do  
mensageiro, tinha, pela primeira vez ouvido palavras  
dolorosamente indignadas a respeito das devastações  
dos ingleses, e dos infortúnios do gentil delfim da  
França. Tiago Darc, sua mulher e seus filhos depois  
da partida de Gillon, tinham ainda por muito tempo  
conversado e lamentado as desgraças públicas.  
Joana que havia algum tempo muitas vezes chorava

sem causa, chorou os infortúnios do seu rei, e ador-  
meceu rezando as suas orações santas, e a São Miguel  
Arcanjo, para que intercedessem junto do Senhor  
Deus, em favor do pobre príncipe. Esses pensamentos  
perseguiam a pastorinha mesmo em seus sonhos, so-  
nhos bizarros em que via, ora o delfim da França,  
bela como um anjo do céu, sorrir-lhe com tristeza e  
bondade, ora as hordas dos ingleses, armados de es-  
padas e de tochas, marcharem, deixando atrás de si  
um longo sulco de sangue e chamas.

Joana acordou, porém a imaginação ferida nova-  
mente com a lembrança dos seus sonhos, não pôde  
deixar de pensar muito no delfim, e de ter dele grande  
piedade. Assim que amanheceu, reuniu as ovelhas que  
todos os dias levava para a pastagem, e conduziu-as  
para o velho Bois-chesnei, onde achavam sempre som-  
bra fresca e herba viçosa. Enquanto pastavam, assen-  
tou-se ela junto da «fonte das fadas» sombreada por  
um carvalho secular, e pôs-se maquinalmente a fiar  
na sua roca.

Pouco depois, Sybilla, madrinha de Joana, veio  
também à fonte, trazendo às costas um grosso molho  
de linho, vinha para o cortir, colocando-o no regato  
produzido pelo escoamento das águas da fonte. Ainda  
que as gentes rústicas julgassem Sybilla feiticeira, as  
suas feições em nada mosstravam as das velhas possui-  
das do espirito maligno. Sem que acreditasse na ma-  
gia, tinha fé profunda nas profecias dos antigos bardos  
gauleses. Fiel à crença druidica de nossos pais, sabia  
que nunca se morria, e que se vai continuar e viver  
no infinito, alma e corpo, lá nas estrelas, mundos no-  
vos e misteriosos. Porém respeitando a religião de sua  
afilhada, nunca Sybilla buscara lançar a perturbação  
ou a dúvida na crença da bela criança.

A pastorinha fiava maquinalmente a sua roca, com  
um olhar distraído seguindo as suas ovelhas, e não  
ouvia nem viu Sybilla. Esta depois de ter posto a al-  
guma distância, e segurando debaixo de pedras o seu  
linho exposto à corrente do regato, aproximou-se man-  
samente e deu um beijo no pescoço da sua afi-

lhada, que lançou um ligeiro grito e disse logo sor-  
rindo:

— Que medo me fizesteis, madrinha!  
— Contudo tu não és muito medrosa! foste mais  
valente do que eu noutro dia, correndo atrás de uma  
víbora e esmagando-a com uma pedra!

— Pois se ela podia morder alguém.  
— Em que pensavas tu ainda agora? nem sequer  
notaste a minha chegada?

— Ai de mim! pensava nalguma cousa muito  
triste.

— Então em que?

— O gentil delfim, nosso senhor, que é tão meigo,  
tão belo, tão valente, e contudo tão desgraçado por  
culpa de sua mãe, será talvez obrigado a abandonar a  
França pela crueldade dos ingleses!

— Quem te disse isso?

— Um mensageiro que parou ontem em nossa casa;  
falou-nos do mal que fazem os ingleses nos países  
onde vêm, e as penas que sofre o nosso jovem se-  
nhor. Ah! madrinha, sentia-me tão apiedada por ele  
como se fosse meu irmão, e não pude impedir-me de  
chorar antes de adormecer. Ai de mim! o mensageiro  
insistia sempre a dizer que a mãe do nosso gentil del-  
fim era a causa desses grandes males, e que essa má  
mulher tinha perdido a Gália.

— Pois ele disse isso? — replicou Sybilla, estreme-  
cendo com uma repentina lembrança; — ele disse que  
uma mulher tinha perdido a Gália?

— Sim, sim. Contou-nos que por sua culpa os in-  
gêleses fazem sofrer misérias sobre misérias às gentes  
do campo; que não sem mercê para as mulheres e  
para as crianças, e que roubam o gado dos lavrado-  
res. Sangrava-me o coração ouvindo o mensageiro con-  
tar os infortúnios do nosso jovem príncipe, e da pobre  
gente desses países. Meu Deus! é possível que uma  
mulher má tenha causado tantos males!

— Uma mulher fez o mal, — respondeu Sybilla aba-  
nando a cabeça com um ar pensativo; — outra mulher  
bá de reparar também o mal...

**PÓ RODRIGUES**

O melhor INSECTICIDA para a destruição de pulgas, percevejos, baratas, formigas, etc.  
A VENDA em todas as Drogarias, Mercarias e lojas de Ferragens  
UNICOS DEPOSITARIOS EM PORTUGAL: SALVADOR BARATA, L.ª — 19-A, Rua das Galvotas, 19-C — LISBOA  
FABRICANTES DOS ALVIADES MARCA «GAIVOTA»  
Agentes no Porto — Sociedade de Produtos Químicos, L.ª. — Rua 31 de Janeiro, 171, 1.ª.  
nas Ilhas JOÃO GOMES — FUNCHAL

**COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO**

Saídas em SETEMBRO  
Para Loanda e Lobito (direto) sairá no  
dia 10 do corrente, o vapor Cabo Verde,  
recebendo carga. Trata-se na sede da Com-  
panhia, rua do Comércio, 85.

Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o paquete

**Pedro Gomes**  
Saídas em OUTUBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Orien-  
tal de África, o paquete

**Moça n.º bique**  
Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o vapor

**São Tomé**  
Saídas em NOVEMBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Orien-  
tal de África, o paquete

**Lourenço Marques**  
Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o paquete

**África**  
Saídas em DEZEMBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Orien-  
tal de África, o paquete

**Angola**  
Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o paquete

**Pedro Gomes**  
Aviso importante: — São avisados os srs.  
carregadores de que, sendo indispensável  
manter as saídas nas datas anunciadas, as  
suas cargas têm de estar no nosso cais ou  
ao costado do navio, pelo menos, até 3  
dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à  
véspera da saída e liquidadas nesse dia os  
seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclareci-  
mentos, trata-se:

EM LISBOA, na sede da Companhia  
Rua do Comércio, 85

NO PORTO, na sua sucursal, Rua da Nova  
Aflandega, 34

**FOTOGRAVURA**

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão. 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

**ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES**

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-  
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-  
tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS  
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-  
SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede providentes para com as vossas fami-  
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

**A MUNDIAL**

Companhia de Seguros Sede -- Rua Garrett, 95  
LISBOA

Sociedade Anónima  
de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE:  
Mediante um ligeiro sobre-prémio,  
A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

**FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS**

em boas fazendas de lã com bons forros desde 159\$00

IMPREMITIVIS INGLESES com tinto e capuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

**O CHAVES DO CONDE BARÃO**

170, Rua da Boavista, 172

**CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam res-  
peito à sua indústria, tais como:  
edificações, reparações, limpe-  
sas, construção de fornos em to-  
dos os géneros, jazigos em todos  
os géneros, fogões de sala, xa-  
drés, frentes para estabelecimentos  
e todos os trabalhos em cantarias  
e mármore de todas as prove-  
niências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-B. 2.º

Calçado BARATO

SÓ VENDE O CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Calçado Senhora

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã

Botas de viciã





## 8 HORAS DE TRABALHO

## A greve dos mobiliários de Guimarães mantém-se com heroica persistência

GUIMARÃES, 4.—Continua com a mesma persistência a greve de protesto dos operários do mobiliário desta cidade.

Os industriais Neves e C.ª L.ª mantêm-se com a mesma feroz intransigência, esperando reduzir os grevistas pela fome. Esta atitude miserável mostra bem o espírito de ávida ganância dos industriais que esperam esmagar o seu pessoal, confiado na força do seu dinheiro—dinheiro roubado ao suor dos seus explorados.

Os referidos operários que estão na disposição de continuar o seu movimento até à completa vitória, têm demonstrado uma solidariedade admirável, evidenciando pela sua heroica resistência, formidáveis qualidades para a luta. Esta greve é uma magnífica lição que os operários do mobiliário de Guimarães estão dando às classes operárias, mostrando assim a força considerável que representa um grupo de homens quando sabem identificar-se, unindo-se na mesma aspiração.

Alguns dos operários em greve já abandonaram esta cidade em busca de trabalho, devido a não poderem manter-se, a eles e a suas famílias. Preferiram abandonar a cidade a entregar-se; traído os seus interesses e a justa causa dos seus camaradas. É fácil de concluir que quando uma classe mostra esta consciência, não é fácil que os industriais a consigam vencer pela fome.

A maioria do pessoal em greve continua na cidade e está disposta a tudo menos a transigir com os seus exploradores.

Este movimento pró-8 horas de trabalho deve merecer a simpatia e a solidariedade de todos os trabalhadores.

Há dias, quando no jardim público tocava a banda do regimento de infantaria, 20, um grupo de operários que ali se encontrava ouviu música foram mandados abandonar o local pelo chefe dos zeladores municipais, alegando que eles não podiam ali conservar-se, porque usavam tamancos! Os referidos operários não obedeceram aquela estúpida ordem, mantendo-se no jardim até ao final da audição da banda militar.

O referido zelador municipal foi durante o combate pela sua grosseira atitude.

**Os operários metalúrgicos e da construção civil de Torres Novas esquecem os seus direitos**

TORRES NOVAS, 1.—E' deveras lamentável o que se está passando com os operários das indústrias metalúrgica e da construção civil.

Para qualquer delas deixou de existir o horário de oito horas, pois que a maioria dos operários trabalham dez horas por dia, estando os metalúrgicos da casa Nery a ganhar, com esse horário, o mesmo salário dos oito horas.

Deve-se isto em grande parte ao abandono a que essas classes têm votado os seus sindicatos, pois não se reúnem as assembleias gerais nem as comissões administrativas para se ocuparem deste assunto como era seu dever.

Que esses operários saiam da apatia em que vegetam e reorganizem os seus sindicatos a mais depressa possível, adquirindo a força necessária a impor o respeito pelas suas regalias, eis os nossos mais ardentes desejos.—C.

## Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Este organismo comunica a todos os sócios licenciados das obras do Estado que em vista de ainda não ter sido publicado no *Diário do Governo* a autorização dos duodécimos, não podem ainda ser readmitidos a trabalhar, esperando este organismo que isso se dê na próxima semana.

## Corticeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 4.—O delegado do governo nesta localidade assumindo uma atitude coerente com a sua função de fazer cumprir as leis do país autou o industrial corticeiro Claudino Rodrigues.

Este explorador ao saber que tinha sido autoado indignou-se e criticou violentamente o seu pessoal chegando a praticar a violência de despedir um operário por este ter declarado que trabalhava 10 horas em troca do irrisório salário de 10 escudos.

Este industrial chegou ainda ao deslante de querer obrigar um dos seus operários a ir junto do delegado do governo declarar que as 8 horas eram cumpridas!

Os industriais corticeiros vêm provocando sistematicamente uma crise na indústria para obrigar os operários a aceitarem uma redução de salários.

Os industriais desta vila desrespeitaram as resoluções tomadas pela Associação Industrial Portuguesa quando se tratava de aumento de salários e agora estão dispostos a acatar a redução de salários!

O que é para lamentar é a inconsciência com que os operários corticeiros se prestam ao seu próprio, aceitando a redução de salários.

## EM SANTAREM

## Congressos Operários

SANTAREM, 3.—Há grande interesse na realização dos congressos operários que este ano escolheram a cidade scalabiana. Em 20, 21 e 22 deve efectuar-se na sala de sessões da Associação dos Empregados no Comércio, o Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal; e nos mesmos dias funcionará na sala de sessões do Grémio Operário o Congresso dos Trabalhadores Rurais.

Estes congressos têm despertado o maior entusiasmo já porque são conhecidas as teses que nele vão debater-se, já porque precedem o I Congresso Confederal e IV Nacional Operário, que, espera-se, se efectuará no moderno e amplo teatro S.ª da Bandeira. Bom será que os trabalhadores em geral se tornem conhecedores dos palpitantes trabalhos a ventilar para assim ajuizar do valor e importância destes congressos.—C.

## Ainda as infâmias da reacção romana

Historiando a acção da «Justiça» de Kitchinev

Quando em Setembro do ano passado rebentou a revolta dos camponeses na Bessarábia meridional, o governo romano, reconhecendo toda a responsabilidade que tinha no caso, conservou durante uma semana o maior silêncio sobre os acontecimentos.

Durante esse tempo, o quartel general romão cercava com artilharia toda a região revoltada e submetia, durante bastantes horas, uma população sem armas e sem defesa a um intenso bombardeamento.

Foi assim que, dos quatro mil camponeses que habitavam a região, mais de dois mil foram mortos pelos obuses.

Entre aqueles que, numa corrida desesperada em direcção ao Dniester, puderam escapar ao massacre, 200 foram presos de novo, lançados para uma cave estreita, onde deviam ser de novo massacrados. As tropas fizeram fogo pelo respiradouro da prisão, ocasionando 50 mortos. Os 150 sobreviventes, bem como outros camponeses completamente estranhos à revolta e cujo único crime consistia em viverem naquele lugar, foram transportados de mãos algemadas para Kitchinev.

## Os castigos aos prisioneiros

Mal chegaram a Kitchinev foram entregues à Justiça militar, como sucede todas as vezes que se trata de trabalhadores.

O oficial encarregado de formar o processo de todas estas vítimas, foi um ex-sargento, prototipo da brutalidade, chamado Martin Tudor, perfeitamente analfabeto e cujos únicos métodos consistiam nas injúrias e nas violências corporais.

Sob a ameaça do chicote, os prisioneiros eram interrogados, devendo declarar os nomes dos seus pais, dos seus amigos, enfim de todos aqueles, com quem estavam em relações mais ou menos directas, isto com o fim de poderem prender estes últimos e por sua vez fazer-lhes sofrer durante algum tempo as torturas da prisão embora tivessem os seus pais pouco depois em liberdade.

Foi desta maneira que 200 camponeses, cujo único crime tinha sido o de terem falado na véspera aos revoltados, foram martirizados durante bastantes meses na prisão de Kitchinev e só agora foram postos em liberdade.

## Os advogados são impedidos de entrarem na prisão

A entrada de cada aldeia podem-se ver pequenos montículos de terra recentemente remexida. São os tumulos comuns das vítimas assassinadas.

O terror na região é tão grande que os camponeses evitam encontrar-se receando chamar a atenção dos carrascos. Centenas de testemunhas foram tratadas como réus e lançadas por sua vez na prisão. Mesmo aqueles que puderam provar que estavam ausentes no momento da insurreição, nem mesmo esses puderam evitar a brutalidade dos carcereiros.

Não só foi negado aos advogados o direito de irem ver os seus clientes, como foi impossível obter a lista completa dos prisioneiros.

Torturados há quasi um ano, os prisioneiros viram-se obrigados a recorrer à greve da fome. Ninguém pôde obter informações do seu estado, salvo os enviados do jornal policial *L'Universal* que, pagos para enganar a opinião pública, ousaram afirmar que nenhum dos acusados se queixara do regime e da alimentação da prisão.

A burguesia romana necessitava, para poder continuar a dominar pelo terror na Bessarábia meridional, pois doutra maneira isso seria-lhe hia impossível, de um processo novo e uma acção que desse o exemplo. Encontrou esse processo massacrando os trabalhadores às centenas.

Mas o proletariado longe de se sentir intimidado por semelhantes processos não desfalecerá e cada vez se sentirá mais forte para conquistar as regalias a que tem direito.

## O governo romano procura esconder a verdade

Um oficial do tribunal marcial de Kitchinev, confessava há alguns dias que «entre os acusados, muitos havia que nada tinham que ver com os acontecimentos de Tatar Bounar».

Mesmo assim perante a legalidade burguesa, o processo Kitchinev é uma monstruosidade inspirada por um ódio feroz que não procura justificação nem desculpa.

Os tiranos romãos querem encher de terror o povo bessarábio cujo sangue corre em abundância, lá há bastantes anos.

Depois de terem massacrado, fusilado em massa as populações que eles roubam e martirizam, depois de terem coberto de ruínas as regiões outrora florescentes, recorrem hoje aos grandes processos para encobrirem o assassinio premeditado sob a máscara da lei.

As infâmias que se têm cometido estes últimos tempos custam a acreditar. Prisioneiros condenados à morte lenta pelas torturas e pela fome! Enxovalhos de toda a espécie a raparigas de 17 anos e a um grande número de mulheres que se encontram no número dos 386 acusados! Aceitaram-se ao acaso, denúncias e procederam-se a vanganças sem se incomodarem ao menos com a aparência de «culpabilidade».

Os juizes decretarão as sentenças mais ferozes, sem ouvir e sem compreender. Só as manifestações de força proletária, só um grande movimento de solidariedade seriam capazes de arrancar as vítimas às garras dos seus carrascos.

O governo romano usou de todos os meios de intimidação e de suborno para que a opinião pública dos grandes países da Europa tomasse conhecimento dos horrores da repressão na Roumania e nas regiões anexadas.

No entanto a verdade vem pouco a pouco à luz do dia.

## Secção Telegráfica

## Federações

## MOBILIARIA

Delegação Federal do Norte.—Segue officio. Respondam com brevidade.

Corteiros de Gongoal.—Segue officio.

## Ainda os processos da Federação Marítima

## A «unidade sindical» deles!...

Que diabo — eles assim o querem, assim o tenham — dizia-nos um camarada a quem contámos o que sabíamos a respeito dos homens da Federação Marítima. Sim, é preciso responder — não atacam eles a C. G. T., fazendo guerra dizendo que este organismo não quer a unidade sindical? — Era verdade.

Pois bem, digamos o que conhecemos, pondo-se assim as coisas no seu lugar.

\*\*\*

Delegados do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, fomos por três ou quatro vezes a Buarcos, próximo da Figueira da Foz, fazer sessões de propaganda sindical, incluindo, claro, a do sindicato dar a sua adesão à Federação, pois já estava na C. G. T., e era indispensável completar, tanto quanto possível, os organismos sindicais. E, de facto, tempo depois, com a assistência de Silvino Noronha, a União Marítima de Buarcos votou a adesão à Federação.

Havia por isso esse tempo crise de trabalho em Coimbra e outras terras. O Comité de P. Confederal, na sua missão, dedicou a esse problema toda a atenção, servindo-se entre outros argumentos da necessidade de em todo o país se conseguisse o cumprimento integral do horário das 8 horas, combatendo aqueles operários que trabalhavam 10 e mais horas. E, este problema, levou-nos a Figueira da Foz algumas vezes — aproveitamos nós sempre a ocasião de irmos a Buarcos fazer um pouco de propaganda, ainda que a indivíduos.

A classe marítima, por necessidade de resolver diversos assuntos de seu interesse, andava também por essa ocasião movimentando-se, tendo pedido delegado à Federação — ficando esta de enviar assim que recebesse telegrama a marcar sessão, aproveitando um dia em que o mar estivesse bom para os marítimos estarem presentes um maior número. O telegrama, de facto, foi — mas o delegado não veio, tendo sido ouvido por vezes, a alguns marítimos, palavras de descontentamento para com o sindicato, o qual prometiam abandonar.

E, a falta de delegados da Federação repetiu-se por duas vezes, salvo erro.

«Há nisto amor, propaganda e unidade sindical? — Ora, bolas!...

Mas não fica por aqui. O sindicato, pouco depois, tendo vindo os marítimos dos bancos da Terra Nova, e comemorando-se o seu aniversário, convidou a Federação a representar-se. E a Federação nada.

Mais tarde fomos à Figueira da Foz e, como de costume, seguimos a Buarcos. Falámos com António Charrana da Costa e convidámos o delegado sempre tinha chegado, pois podia ter perdido o comboio. A resposta foi de que a Federação mandara dizer que estando em Coimbra uma delegação confederal dela requisitassem o delegado...

«Sabem os leitores porque procedia assim este organismo que tinha excepcionais interesses em viver de perto a vida e aspirações de todos os marítimos para bom cumprimento da sua missão?...

Simplemente por isto: Quando o sindicato deu a adesão à federação comunicava a este organismo dizendo que o seu delegado ao conselho devia respeitar a orientação da C. G. T., porque a ela estava aderente e com cuja directriz concordava.

«Será avançar nas nossas deduções? — Juíguemos que não.

...e continua.

Porque ultimamente foram apreendidos uns barcos e alguns arrais multados, assumto que breve trataremos, o sindicato, ou por outra, uma comissão nomeada em assembleia para o assunto, dizendo que pagava todas as despesas, pediu um delegado à Federação — e a resposta foi a mesma: o silêncio!

«Porque procedia assim a Federação, de mais entrando já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fiel à sua adesão)?

Porque estando este sindicato longe da «porta», e não tendo possibilidades de se desconfederar, a melhor maneira dos homens de F. M. conseguirem os seus desejos de «bolsa abaixo», o sindicalismo era abandonar o sindicato para ele se perder com o descontentamento.

Sim! tudo nos leva a pensar isto: o que nós temos visto...

E é assim a unidade sindical, apreçoada no combate contra a C. G. T.

Coimbra.

Adolfo de FREITAS

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

## Uma prevenção do Sindicato dos Carpinteiros Navaes de Portimão

O Sindicato dos Carpinteiros Navaes de Portimão previne os carpinteiros navaes de todo o país de que a classe de que é representante através uma grande crise de trabalho, não devendo, por esse motivo, nenhum dos referidos camaradas ir para aquela cidade, com o fim de conseguir trabalho, enquanto durar a crise.

Convidam-se todos os camaradas que têm em seu poder bilhetes da festa realizada em 30 de Agosto p. p. para auxilio de José da Silva Costa, a virem liquidá-los amanhã, das 20,30, às 23 horas, pois está causando embaraços a comissão a demora na sua liquidação. Prevem-se também os sindicatos que não devolveram até ao dia 25 de Agosto p. p. os bilhetes que lhes foram enviados, que se procederá nesta semana à sua cobrança.

Pede-se também aos que têm listas de subscrição voluntária pró José da Silva Costa em seu poder que procurem obter donativos com elas e se apressem em trazer o seu produto à sede do Núcleo com a máxima brevidade em virtude da comissão necessitar de atender a compromissos.

No próximo mês realizar-se-há uma outra festa em auxilio daquele camarada, devendo os bilhetes ser postos à venda em breve.

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço recebe curativo recolhendo depois à enfermaria de S. João Baptista do Hospital de Arroios, Augusto Maria Passos, de 33 anos, descarregador, natural de Lisboa, residente na calçada de S. João da Praça, 25, loja e que no cais de Areia, foi colhido por uma prancha, ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria de S. Sebastião do Hospital de S. José, deu entrada Matias Narciso, de 38 anos, natural e residente em Aldeia Grande, freguesia de Maxial, concelho de Torres Vendas e que ali quando preparava um tiro de pólvora numa pedreira pertencente a António Dias, aquela explosão subitamente ficando o Narciso muito ferido no rosto, olhos e peito.

## CARTA DE COIMBRA

## Uma fábrica de malhas, cemitério de crianças!

COIMBRA, 4.—Chega a horrorizar! E, depois, uma revolta surda apossa-se de nós — explodindo, se não fosse abjecto da nossa parte, numa praga infame de protesto incontido contra essa câfila de «coelhos» e «trindades» que defendem esta sociedade que é bem o «paraíso» dos burgueses feitos bácoros... enquanto centenas e centenas de pequenas operárias vão a caminho da morte, pela fome.

Os leitores certamente estão recordados: Foi já há tempo, mas o assunto não é daqueles que se esqueça facilmente. Nesta cidade, na fábrica de malhas Nunes Vicente, umas pequenas trabalhavam por empreitada — empreitada bastante dura para crianças de 9 anos, que tinham de concluir em determinado tempo pois de contrário não teriam tempo para jantar. Uma das crianças não podendo agüentar mais tempo saltou fora do seu lugar e foi buscar um pouco de pão. Mas eis que chega o Nunes Vicente e tirando o pão à criança manda-o deitar aos cães da fábrica! Isto escrevemos nós em *A Batalha* e chamámos ao referido Vicente: um bruto!

Hoje, porém, temos de voltar à estacada ao mesmo Nunes Vicente, pois continua de pé esse regime brutal de trabalho para crianças, algumas de 8 anos, e, que ainda por cima estão sujeitas a um horário de 10 horas!!!

Que há uma lei de protecção aos menores — diz-se. Lei que demarca a idade destes poderes entrar para qualquer oficina, guardando-os um pouco. Pode muito bem ser que exista. Contudo nós pomos em dúvida a sua efficácia — como tantas outras, servindo de exemplo a das 8 horas de trabalho.

Porém agora o caso é outro; quer dizer: a consequência desse regime de trabalho começa a fazer vítimas.

Duas ou três pequenas, operárias da fábrica em questão, vítimas do brutal regime de trabalho e do escasso salário que lhes oferece uma alimentação fraca e ordinária estão deftando sangue pela boca, num principio de tuberculose!

«Ora em frente do que acabamos de escrever — que dirá o sr. Nunes Vicente?

«Acaso, pensando um pouco sobre o assunto, terá coragem de manter o mesmo regime de severidade de trabalho que produz vítimas como aquelas que acima citamos?

E as autoridades deste país de exemplos retrógrados, quando se resolve a salvaguardar a protecção às crianças, de assistência social etc., que tanto prometem no tempo da monarquia, quando andavam virgariando ao povo ingénuo?

Com franqueza, os «trindades coelhos» que pululam por esta sociedade, defendem uma bela obra de fraternidade e igualdade!...—C.

## Congresso dos Operários da Indústria Têxtil

A Secção de Federações da C. G. T. lembra a todos os sindicatos têxteis que receberam a circular respeitante ao Congresso Têxtil a conveniência de responderem o mais breve possível a fim dos trabalhos não sofrerem interrupção.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadie», de Frederico Urales.—Preço. \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

## ACABA DE SAÍR

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1900.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

## A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkicof. Preço \$50.

## SOLIDARIEDADE

Pró José Vargas, António Dias e Pedro Guia de Oliveira

E' hoje que, no Salão da Construção Civil, se realiza, às 21 horas, o espectáculo a favor de José Vargas Jr., António Dias e Pedro Guia de Oliveira, iniquamente deportados na Guiné.

Tomam parte neste espectáculo o grupo dramático «Solidariedade Operária», os «clowns» Jonet e Suli, e o guitarrista Américo dos Reis, acompanhado à viola por Artur Azevedo, e os cultores da canção nacional, Quintinhas, Pedro Rodrigues, Cândido Sapateiro, Miguel Moreira e outros.

Abrihanta este espectáculo a troupe de bandonilistas «O Cravo».

Os bilhetes que restam podem ser adquiridos das 20 às 21 horas, à porta do salão.

Pró José da Silva Costa

Convidam-se todos os camaradas que têm em seu poder bilhetes da festa realizada em 30 de Agosto p. p. para auxilio de José da Silva Costa, a virem liquidá-los amanhã, das 20,30, às 23 horas, pois está causando embaraços a comissão a demora na sua liquidação. Prevem-se também os sindicatos que não devolveram até ao dia 25 de Agosto p. p. os bilhetes que lhes foram enviados, que se procederá nesta semana à sua cobrança.

Pede-se também aos que têm listas de subscrição voluntária pró José da Silva Costa em seu poder que procurem obter donativos com elas e se apressem em trazer o seu produto à sede do Núcleo com a máxima brevidade em virtude da comissão necessitar de atender a compromissos.

No próximo mês realizar-se-há uma outra festa em auxilio daquele camarada, devendo os bilhetes ser postos à venda em breve.

## VIDA SINDICAL

## C. G. T.

## Comissão Revisora de Contas

Reúne amanhã, às 21 horas.

## Secção de federações

Reúne-se hoje, pelas 15 horas, a comissão eleita para elaborar os trabalhos a apresentar ao congresso têxtil.

## COMUNICAÇÕES

**Pessoal de Rebocadores e G. zolinas do Porto de Lisboa.**—Em reunião da assembleia geral efectuada em 3 do corrente, resolveu prestar solidariedade aos carpinteiros navaes em conflito com a Parceria dos Vapores Lisboenses.

**Secção Docas e Oficinas.**—Resolveu mais não fornecer rebocadores às embarcações da casa Nazaré, Rocha, Norton & C.ª, Lda, enquanto os respectivos tripulantes não anularem a resolução de não se servirem do rebocador «Falcão».

**S. U. Metalúrgico.**—Secção de Belém.—Reúne-se a comissão administrativa que apreciou a organização do festival que se quer levar à prática para a fundação duma biblioteca. Tendo sido convidados os metalúrgicos da Sociedade de Construções Mecânicas a nomear um delegado para se avistar com esta comissão a fim de serem esclarecidas as várias anomalias que se têm constatado nessa fábrica, como por exemplo a exploração que se exerce sobre os aprendizes e sobre as mulheres que debaixo da ameaça de despedimento são obrigados a trabalhar de empreitada sem que os metalúrgicos se saibam impôr aos patrões, como eles não sobessem corresponder ao pedido da comissão não enviando qualquer delegado para tratar destes importantes assuntos o que demonstra a sua pouca consciência, o que é para lastimar, foi resolvido fazer novas «démarches» junto desses operários.

Resolveu enviar uma circular a vários camaradas pedindo informações para a elaboração da estatística das fábricas metalúrgicas desta área.

**Compositores Tipográficos.**—Reúnem-se amanhã em assembleia geral para continuação de trabalhos pendentes, tendo sido largamente apreciadas as teses que vão ser discutidas no Congresso Confederal, sendo as mesmas aprovadas à excepção da tese «Organização Social Sindicalista», que, por alvitre de José Maria Gonçalves, ficou para ser apreciada na próxima reunião juntamente com a tese «Sindicato da Indústria Gráfica», que vai ser presente ao II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Por proposta da direcção, foram nomeados delegados aos referidos Congressos os colegas Joaquim Rodrigues Castelo, Carlos José de Sousa e Virgílio Moura Santos.

A sessão continua na próxima terça-feira, pelas 18 horas, para apreciação das teses a discutir no II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal (IV Gráfico).

**Marinheiros e moços.**—Reúne-se no p. dia 2, a comissão administrativa conjuntamente com o conselho fiscal e comissão de melhoramentos, resolvendo, em harmonia com a letra dos Estatutos e as deliberações da assembleia geral de 8 de Agosto expulsar de sócio Hipólito Pereira por este ter levantado boatos, não provando a veracidade dos mesmos, em desabono do delegado da classe.

**Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pinheiro.**—Reúne-se na sexta-feira, tendo tomado posse, e resolvendo realizar uma sessão de propaganda sindical na próxima quinta-feira, na sede da secção da Construção Civil, para o que vai distribuir um manifesto.

Resolveu mais auxiliar a secção metalúrgica na propaganda para uma assembleia que se realiza no dia 16, e convidar, para a próxima quarta-feira, às 20 horas, os operários das fábricas de cerveja a reunirem-se para se resolver sobre a constituição da associação dos trabalhadores nas fábricas de cerveja.

**S. U. C. Civil.**—Comissão Escolar.—Apreciou o resultado da excursão à Sintra, cuja receita foi de 2:210\$20, 1:756\$65 de despesa, resultando, portanto, um saldo de 462\$55.

**Caixeiros de Lisboa.**—Na sua última sessão a assembleia geral desta classe apreciou o circular 49 da C. G. T., tendo Rodrigues Loureiro em nome da direcção perguntado à assembleia se ela estava disposta a nomear delegado ao próximo Congresso Confederal, e em caso afirmativo a mesma devia impôr ao delegado para que no Congresso defendesse os pontos que a direcção julga ser mais viáveis para engrandecimento da classe operária, os quais constam de: a) C. G. T. sair da Associação Internacional dos Trabalhadores e não dar adesão a nenhuma internacional operária, diminuição da cotização para a mesma C. G. T. e voto proporcional conforme o número de sindicatos de cada organismo.

Diversos oradores defenderam a C. G. T. tendo requerido para que a classe dos caixeiros não se fizesse representar nesse Congresso.

Os presidentes da mesa José de Almeida depois de se afastar do seu lugar para poder também tratar deste assunto, discorda da atitude da direcção demonstrando a necessidade da colectividade nomear delegado, mas que não se devia impôr condições; devia-se sim dar completa autonomia ao mesmo para com o espírito esclarecido em face da discussão travada no Congresso ele poder defender a associação da melhor forma que lhe for possível, fazendo votos para que a escolha recaia em indivíduo imparcial, conforme o actual momento social requer, apresentando nessa conformidade uma noção nesse sentido, moção essa que a assembleia aprova por aclamação, resolvendo-se ser José de Almeida o delegado a esse Congresso. As acts das anteriores assembleias não foram lidas devido ao adiamento da hora, tendo-se encerrado a sessão às 19 horas, a C. G. T., à C. S. T., à Associação dos Caixeiros e do Sindicato Unico dos Trabalhadores no Comércio.

## CONVOCAÇÕES

## REÚNEM HOJE:

**Federação Corticeira.**—Pelas 13 horas o conselho federal para tratar assuntos pendentes da última reunião.

**Vendedores de jornais.**—A assembleia geral pelas 19 horas.

**Manipuladores de Pão.**—A convite da comissão administrativa deste organismo realiza-se hoje, às 18 horas, na Associação da Construção Civil de Pareda uma sessão magna dos operários manipuladores de pão residentes no concelho de Cascais. Para esta reunião foi distribuído um interessante manifesto de convite.

**DIAS PRÓXIMOS**

**Federação do Livro e do Jornal.**—A comissão organizadora do congresso reúne-se amanhã às 18,30 horas.

**Federação da Construção Civil.**—Para apreciação das teses a discutir no próximo congresso confederal, reúne-se amanhã, pelas 20 horas, o conselho federal.

**Litógrafos e anexos.**—Reúne-se na próxima quarta-feira a assembleia geral para apreciar as teses que vão ser presentes aos congressos gráfico e confederal e outros assuntos.

**S. U. Metalúrgico.**—Reúne-se amanhã em assembleia geral, pelas 20,30 horas, para apresentação do relatório do inquérito a Inácio Costa e outros assuntos.

**Maquinistas Fluviais.**—Reúne-se amanhã a assembleia geral a fim de apreciar a atitude da Federação Marítima para com a C. G. T.

**S. U. Mobiliário.**—Reúne-se amanhã, às 17,30 horas, os delegados para continuação de trabalhos.

**S. U. C. Civil.**—Comissão escolar.—Reúne-se na próxima terça-feira, às 21 horas.